

O AMOR QUE CONSTITUI O SUJEITO: UMA REFLEXÃO SOBRE O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO MATERNA NO FILME “MALÉVOLA”¹.

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente*
Raíza Solany Eurico**

RESUMO

O objetivo central do presente artigo é apresentar o complexo e específico conceito de função materna, diferenciando-o do conceito de maternagem e destacando seu lugar de edificação do sujeito da Psicanálise, o sujeito desejante, bem como ressaltar a importância da presença do Outro primordial na edificação desse sujeito. Articulando a compreensão conceitual da referida função com o recente filme dos Estúdios Disney, a saber, “Malévola”, refletimos sobre o exercício da mesma no que diz respeito à relação estabelecida entre as protagonistas do mencionado filme, em que a vilã e a princesa Aurora tomam-se mutuamente como Outro, o que possibilitará o despertar de Aurora do sono profundo pelo beijo de amor verdadeiro, que simboliza e indica o exercício desta singular e essencial função, a materna.

Palavras-chave: Função materna. Constituição do Sujeito. Outro.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de função materna é um conceito complexo e específico em Psicanálise, muitas vezes confundido com o de maternagem, o que se justifica porque ambos envolvem cuidados idênticos, diferenciando-se, porém e principalmente, no que diz respeito à posição em que o adulto cuidador da criança se coloca diante dela e à posição que atribui à criança. A maternagem envolve os cuidados básicos que um adulto pode despender a uma criança, tais como trocar a fralda, dar mamadeira entre outros. Já a função materna, constructo central do presente artigo, abarca algo para além dos

¹ Artigo recebido em 1 de março de 2015 e aprovado em 20 de maio de 2015.

* Docente do CESJF, Mestre em psicologia pelo CESJF. @: reginaprudente@pucminas.cesjf.br

** Graduada em Psicologia pelo CESJF. @: raizase@hotmail.com

nomeados cuidados, demandando do adulto uma posição de Outro Primordial em relação à criança.

Colocando-se como Outro Primordial, o adulto que se ocupa dos cuidados para com a criança está exercendo não só a maternagem, mas, para além disso, exerce a função materna, uma vez que, para o exercício dessa singular função, é necessário que a criança ocupe um lugar específico na economia do desejo daquele adulto que se encarrega de cuidar dela, supondo naquela criança um sujeito. Ou seja, verifica-se o exercício da função materna, e não somente da maternagem – construto teórico que se refere somente aos cuidados direcionados à criança, quando o adulto, incumbido de tais cuidados, supõe no organismo vivo que se lhe apresenta um sujeito. (KAMERS, 2004).

Importante é ressaltar que o exercício da função materna independe da biologia parental, ou seja, qualquer adulto que seja capaz de investir libidinalmente em uma criança, posicionando-se como seu Outro Primordial, donde advém a suposição de um sujeito na criança, estará exercendo esta função.

Nesse sentido, o objetivo central deste estudo é apresentar o conceito de função materna e realçar a função edificante da mesma para o sujeito da Psicanálise, o sujeito do desejo, bem como apontar as implicações psíquicas advindas do exercício dessa função. Ressaltamos o texto *Esboço de Psicanálise*, de Sigmund Freud (1969, p. 217), no qual o referido autor, assinalando a importância da relação mãe e filho, escreve:

Através dos cuidados com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações (alimentação/cuidados corporais) reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos.

2 O CONCEITO DE FUNÇÃO MATERNA E DE MATERNAGEM

Função materna é um conceito específico comumente confundido com o de maternagem, sendo aquele, muitas vezes, entendido como sinônimo deste (KAMERS, 2004). Nesse sentido, faz-se necessário ressaltarmos a tênue linha que separa um conceito do outro.

Kamers (2004), ao escrever sobre o universal da maternagem e o singular da função materna, aponta que esses conceitos, apesar de serem usados como sinônimos, como explicitamos há pouco, guardam diferenças cruciais, ainda que sutis. A autora

argumenta que o equívoco cometido ao se tratar maternagem como sinônimo de função materna “[...] apresenta sérias consequências, pois se a função materna é confundida com maternagem, pode ser passível de prescrição”, ressaltando, porém, que o que é “[...] da ordem do desejo (função materna) jamais é passível de prescrição.” (p.44).

A maternagem diz respeito aos cuidados que um adulto despende ao *infans*², tais como: alimentar, cuidar da higiene, acolher, etc. Faria (2001 apud KAMERS, 2004) refere-se a esses cuidados como “universalizáveis”. Universalizáveis por poderem ser delegados a terceiros – babás, avós, professores/educadores etc. – e porque o adulto que exerce tais cuidados não é, para a criança, algo para além desses cuidados, ou seja, não é para ela seu Outro.

Os cuidados mencionados são também, podemos afirmar, os cuidados pertinentes à função materna, porém, o adulto que ocupa este lugar, o lugar de exercício dessa função, aquele ao qual chamamos Outro Primordial, despende à criança muito mais que apenas cuidados universais. Os cuidados “universais”, quando exercidos por esse adulto, que na maioria das vezes é a mãe biológica, particularizam-se, posto que a criança está e é ali, “[...] marcada por um lugar específico na economia do desejo da mãe” (FARIA, 2001, p. 125 apud KAMERS, 2004, p.43). Esse desejo permite ao Outro Primordial supor, na criança, um sujeito onde há somente um organismo vivo (KAMERS, 2004; PIEROTTI, LEVY, ZORNIG, 2010). No exercício da função materna, o adulto precisa, portanto, posicionar-se diante do bebê como Outro Primordial. Entender o conceito de Outro torna-se, então, de fundamental importância.

O conceito de Outro³, elevado à categoria de conceito fundamental da Psicanálise por Lacan (QUINET, 2012), é introduzido pelo mesmo a partir de 1953, quando ele equipara “[...] as leis do inconsciente decifradas por Freud [...] às figuras de linguagem da metáfora e da metonímia” (FERNANDES, 2000, p. 37), mas, segundo Fernandes, já é possível entrevê-lo na obra de Freud, em que “[...] podemos encontrar seu ponto de partida e um de seus pilares principais” (2000, p. 28). A referida autora salienta ainda que não se pode confinar o conceito de Outro em uma única definição, pois vários sentidos se articulam em seu entorno.

² De acordo com McDougall (1996, p. 20): “Infante. Em latim no original. *Infans* = in(negação) + fans, fantis (part. Pres. do verbo for, que significa ‘ter a faculdade, o uso da fala’ [...]).”

³ “Em Lacan, escreve-se ‘Outro’ (lê-se ‘grande Outro’), com o ‘o’ inicial maiúsculo, para diferenciá-lo do (pequeno) outro.” (QUINET, 2012, p. 21).

Jerusalinsk (2002, p. 170) escreve que o conceito de Outro é introduzido por Lacan para “[...] definir aquilo que é anterior ao sujeito e em relação ao qual o sujeito precisará constituir-se: a ordem da linguagem”, lembrando, porém, que, para um *infans*, “[...] o Outro está encarnado nos agentes materno e paterno que o tomam desde um desejo não anônimo.”

Enquanto discurso do inconsciente, o Outro é um “lugar” psíquico, que não é localizável anatomicamente, mas sim diz respeito a um lugar simbólico, “[...] lugar onde as cadeias significantes do sujeito se articulam [...]” (QUINET, 2012, p. 22), lugar onde “[...] se coloca para o sujeito a questão de sua existência, de seu sexo e de sua história” (p. 21). Essa história precede o sujeito, que, imerso na língua da cultura na qual nasceu, possui uma história mesmo antes de seu nascimento.

Nesse sentido, Camarotti (2001) salienta que o bebê (como objeto de desejo) preexiste ao nascimento, encontrando-se inscrito numa história familiar, “[...] onde é ora desejado, ora rejeitado, ora temido, ora negado”, asseverando ainda que o nascimento do bebê na linguagem, sinal do desejo parental, antecede o nascimento biológico e que “[...] seu futuro psíquico vai estar vinculado a esta anterioridade” (p. 51).

Aulagnier (1990 apud STAHLSCHEIDT, 2008) considera que o desejo presente no desempenho da função materna é fundamental para a constituição da criança, pois é na posição de objeto desse desejo que ela dará sentido à sua existência.

No exercício da função materna, o Outro Primordial, como dissemos, atribui ao organismo vivo que ali se encontra um sujeito, e isso só é possível porque há um desejo. Nessa suposição de sujeito, à qual Ferrari e Piccinini (2010, p. 274) se referem como antecipação do eu, o Outro Primordial atribui significados às manifestações corporais do bebê. Esses autores asseveram: “[...] é necessariamente função da mãe tomar as manifestações do bebê, metabolizá-las e reenviá-las com algum significado, [...]”. Ainda segundo os mesmos, essa suposição de um eu no bebê possibilita à mãe investir libidinalmente no corpo da criança.

O eu do bebê é construído através da relação com um outro, o Outro Primordial. É através da suposição de um sujeito, da atribuição de significados e sentidos aos atos do bebê, a partir dos próprios significados do Outro, que o bebê irá adquirir noção de realidade e noção de eu.

[...] o ser pensado por outro fornece ao *infans* um lugar no qual possa se identificar e passar do estatuto de corpo biológico para o de corpo erógeno, o que implica assumir a possibilidade de constituir um mundo representacional a partir do que foi pensado e significado pelo outro primordial. (FERRARI; PICCININI, 2010, p. 246).

No exercício da função materna, Outro Primordial, sendo aquele cuja tarefa de cuidar do bebê está investida ela mesma de desejo, deve: exercer os cuidados universalizáveis de alimentação, higiene etc; inserir o bebê na linguagem, dotando-o também de uma história sua, uma história própria do bebê, mas que o precede; ao supor um sujeito onde há apenas um organismo vivo, contribuir para a constituição do eu no bebê; inserir o bebê nas leis culturais que regem seu grupo social; permitir que o bebê ocupe um lugar na economia de seu desejo – tendo o bebê como objeto de desejo –, bem como ser o objeto de desejo do bebê.

3 MALÉVOLA: DA MATERNAGEM À FUNÇÃO MATERNA, O BEIJO DE AMOR QUE DESPERTA

“Malévola”⁴ (MALÉVOLA, 2014) é um filme recente, produzido pelos Estúdios Disney e lançado em maio de 2014, no Brasil. O filme conta a história de uma das maiores vilãs da Disney, Malévola, a temida “bruxa” do conto de fada “A Bela Adormecida”. A história, não contada até então, revela os acontecimentos por trás não só da maldição lançada sobre Aurora, como dos acontecimentos que levaram Malévola, antes uma fada de fortes e longas asas, amada por todas as criaturas do reino dos Moors, a transformar-se numa temida vilã.

A adaptação do conto dos irmãos Grimm aborda uma trama que envolve a desilusão amorosa sofrida pela bela e generosa Malévola, que se apaixona por Stefan, um mau caráter desde sempre. Ainda menina, é terrivelmente traída por ele quando o mesmo corta-lhe as asas com o objetivo de tornar-se rei. O sentimento de amor da jovem fada transforma-se, então, em ódio.

À época do batizado da primeira filha do agora rei Stefan, Malévola dirige ao bebê real, a princesa Aurora, uma terrível maldição: “Ouçam bem todos vocês: a princesa realmente irá crescer com graça e beleza e ser amada por todos aqueles que a conhecerem... Mas, ao pôr do sol de seu décimo sexto aniversário, ela espetará o dedo

⁴ Maleficent, no título original.

no fuso de uma roca de fiar e cairá em um sono profundo. Um sono do qual ela nunca despertará!”. Stefan implora para que Malévola não faça isso, a qual, diante do suplício do rei, diz: “A princesa poderá acordar de seu sono profundo. Mas somente por um beijo de amor verdadeiro. Essa maldição durará até o fim dos tempos. Nenhuma força na Terra pode mudá-la.” (MALÉVOLA, 2014).

O rei ordenou que confiscassem todas as rocas de fiar do reino e que elas fossem **quebradas, queimadas** e jogadas no calabouço do castelo para que nunca mais fossem utilizadas. Então, entregou Aurora aos cuidados de três fadas, que a levaram para um lugar distante na floresta do reino e **com ela ficaram** durante 16 (dezesseis) anos e um dia. O que o rei não sabia era que as três fadas, apesar de amorosas, não sabiam como cuidar de um bebê.

Inicia-se, assim, a relação entre a vilã e a princesa, que culminará no exercício da função materna por Malévola.

A vilã, seguindo as fadas, vigia de perto todos os estágios de desenvolvimento de Aurora, protegendo-a, alimentando-a, livrando-a de perigos, pois as fadas, distraídas e desprovidas de qualquer zelo, não se apercebiam do que acontecia ao redor. Malévola se diverte com as distrações e descuidos das três fadas e até mesmo contribui para que certas situações ocorram, mas não deixa de cuidar de Aurora, ainda que a distância, à espreita.

A bela princesa, alheia a todo o “mal” que Malévola lhe dirige – uma vez que a vilã não se revelou logo –, encanta-se por ela, convocando-a como sua “fada madrinha”, amando-a e respeitando-a como sua verdadeira mãe ou, como melhor convém, aquela que sustenta a função de edificar e tornar possível a experiência como sujeito humano.

Cabe ressaltar que, assim como em muitos outros contos, nesse também a mãe da pequena princesa não tem destaque algum. Ela aparece para nós somente no momento do batizado de Aurora, desaparecendo da história logo após a terrível maldição ser lançada, e a princesa ser entregue aos cuidados das fadas e enviada para a floresta. Não nos é explicado o motivo pelo qual a própria mãe não ficou incumbida de tal tarefa.

O exercício da maternagem por Malévola está evidente durante o tempo no qual a película em questão mostra a relação de cuidado que a vilã tem com a princesa, fato outrora relatado neste artigo. Ainda que seja, inicialmente, para que a profecia se cumpra, a vilã cuida de Aurora ao longo de dezesseis anos, muitos dos quais a vilã não se revelou à princesa, mantendo-se, como explicitado anteriormente, à distância, à espreita,

revelando-se somente quando convocada por Aurora, o que ocorre pouco tempo antes da data em que a princesa completaria dezesseis anos.

Certa noite, enquanto Aurora dormia, Malévola levou a princesa para o Reino dos Moors e lá fez com que despertasse, ficando escondida por entre árvores e arbustos. Ao acordar, Aurora se encantou com as criaturas do lugar. De repente, as criaturas que rodeavam a princesa fugiram, e Aurora direcionou seu olhar para um canto bem escuro da floresta e disse: “Eu sei que você está aí. Não tenha medo.” Ao que Malévola responde: “Não tenho medo.” A princesa então ordena: “Então apareça”, e a vilã diz: “Aí você terá medo”. Diante da afirmação de Aurora de que ela não teria medo, Malévola sai das sombras e se mostra pela primeira vez para a princesa. A princesa dá um passo para trás, mas não hesita em dizer: “Eu sei quem você é”. Afirmação que deixou Malévola intrigada, uma vez que esta pergunta: “Você sabe?” Neste momento, ocorre a crucial convocação que Aurora faz a Malévola, dizendo, com um enorme sorriso no rosto: “Você é minha fada madrinha. [...] Tem cuidado de mim a vida inteira. Sempre senti sua presença. [...] Não importa o lugar, sua sombra estava sempre comigo.” (MALÉVOLA, 2014).

Ao chamar Malévola pedindo que se revele e colocá-la no lugar de sua fada madrinha, dizendo que sempre a *sentiu* cuidando dela, a vilã, já tida por Aurora como seu Outro, percebe na princesa seu Outro, o que deixa patente o fato de que Malévola exerceu não somente a maternagem, mas a função materna. Ou seja, no exercício da maternagem por Malévola, Aurora a inseriu na economia de seu desejo, e a convocação para ocupar um lugar específico na vida de Aurora fez com que Malévola colocasse a princesa num lugar específico em sua própria economia de desejo. Assim, o que a princípio era maternagem tornou-se função materna.

Há, na convocação feita por Aurora, a presença da pulsão invocante, aquela pulsão relacionada à voz e que diz respeito a um apelo do ser que invoca ao sujeito que é invocado para que este direcione àquele o seu desejo (Stahlschmidt, 2008). Aurora convoca e atribui a Malévola o lugar de Outro Primordial, cumpridor da função materna. Entrevemos, nesse momento, o terceiro tempo do circuito pulsional⁵, no qual a criança

⁵ Descrito por Freud primeiramente em 1915 no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, o circuito pulsional diz respeito aos três tempos da pulsão – ativo, reflexivo e passivo, e descreve o caminho circular percorrido pela pulsão em torno de seu alvo (objeto de satisfação da pulsão). (FERREIRA, 2005).

faz-se objeto para o Outro. Somente com o fechamento do terceiro tempo do circuito pulsional, é possível que advenha o sujeito.

Após essa convocação, Aurora e Malévola se encontram algumas vezes no Reino dos Moors, e a convivência aflora algum sentimento na vilã, sentimento que a faz querer revogar a maldição, mas ela fracassa em seu intento. Entretanto, não malogra o seu sentimento amoroso pela jovem princesa.

Na véspera de completar 16 (dezesesseis) anos, Aurora decide deixar suas “tias” e ir morar com Malévola no Reino dos Moors, e então, por descuido de uma das fadas, descobre que seus pais estão vivos – informação que havia sido mantida em segredo e encoberta pela mentira de que estariam mortos. Tal informação permitiu que viesse à tona toda a história de Aurora, inclusive a maldição da qual fora vítima. Sua história, que envolve a vida de seu pai, de sua mãe biológica e também de Malévola, a precede.

Retomando o que escreve Camarotti (2001) sobre a anterioridade histórica que envolve a criança, nota-se que Aurora fora inserida numa cadeia de significantes à qual pertencia sem nem mesmo saber. Kamers e Baratto (2004, p. 44) escrevem a respeito da importância da cadeia significativa familiar, destacando que essa localiza o sujeito na ordem simbólica familiar e, mesmo que a significação dessa cadeia seja dada posteriormente pelo sujeito, deve-se considerar que ele encontra-se “[...] suscetível aos efeitos que essa história lhe acarreta, [...]”.

Munida de tais significantes, Aurora “toma para si” seu próprio “fantasma”⁶ e vai ao castelo atrás de seu pai, que ordena que a princesa seja trancafiada em um quarto até que termine o dia em que a maldição deverá se cumprir. Mas, apesar dos esforços, ao entardecer do dia de seu aniversário, a maldição se consolidou.

Quando a maldição se cumpre, somente um beijo de amor verdadeiro, tal como havia sido pronunciado, haveria de despertar a princesa do sono profundo de morte. Malévola encontra um jovem príncipe que se encantara com Aurora certa vez e o leva ao castelo, na esperança de que ele dê o beijo de amor verdadeiro na princesa. À espreita, a vilã vê o beijo fracassado do jovem príncipe em Aurora e se entristece. Malévola se aproxima do leito em que Aurora se encontra e lhe diz: “Doce Aurora, você roubou o que sobrou do meu coração e agora eu a perdi para sempre. Eu juro, nada de mau acontecerá a você enquanto eu viver, e não passará um dia sem que eu sinta falta deste sorriso.”

⁶ “[...] versão particular que cada sujeito faz do desejo do Outro, do material significativo que a ele é endereçado”. (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 44).

Então, a vilã beija Aurora na testa e se vira. Após um tempo, Aurora desperta de seu sono profundo, e Malévola percebe que seu amor por ela era verdadeiro. (MALÉVOLA, 2014)

4 CONCLUSÃO

Com o intuito de fazer com que Aurora chegasse até a idade para que sua maldição pudesse ser cumprida, Malévola cuidou da princesa, exercendo a maternagem que possibilitou a Aurora perceber sua presença nesses momentos de cuidado, o que propiciou à princesa tomar a vilã como seu Outro Primordial. Mais tarde, ao convocar Malévola como sua fada madrinha, revelando tê-la sentido durante toda sua vida, a princesa é tomada por Malévola como seu Outro. A maternagem tornou-se, assim, função materna. A presença de Malévola, sentida por Aurora, revela a importância do comparecimento do sujeito humano na convocação e no exercício desta função.

O que fica patente e registrado na película dos Estúdios Disney (MALÉVOLA, 2014) é que, independentemente dos esforços de Malévola, que visavam ao mal-estar de Aurora, tudo o que ela faz é protegê-la, cuidá-la, nutri-la, evitar que todo mal lhe aconteça.

Nessa história de amor e ódio, logra a ternura amorosa entre a prisioneira e sua algoz, a quem Aurora insiste em convocar do lugar materno.

De acordo com a afirmação de que o desejo presente na função materna é fundamental para a própria constituição da criança, só ele poderá fazer surgir o sujeito, livrando-o da precariedade que o desamparo humano lhe confere.

Ainda de acordo com nossa reflexão, que ressaltou, através dos autores pesquisados, a diferença entre a maternagem e a função materna, destacamos o exercício duplo de Malévola com a pequena Aurora. Ela exerceu os cuidados da maternagem e, principalmente, a função materna, pois permitiu que o bebê ocupasse um lugar como objeto de seu desejo, além de produzir o efeito de ser objeto de desejo para ela.

A reciprocidade amorosa, edificadora, que atribuiu significados e sentidos àquele bebê, permitiu-lhe adquirir noção de realidade e de eu.

Somente tendo inscrito Aurora na economia de seu desejo, Malévola pôde, mais tarde, despertá-la do sono profundo com um beijo, marca simbólica que concretiza o exercício da função materna.

O beijo de vida é sempre o do primeiro amor, amor que edifica, nomeia e estrutura, e do qual, se estamos vivos, somos tributários. O beijo daquela ou daquele que nos ponha em marcha na vida, nos faça ultrapassar o estatuto de um corpo pura biologia para um corpo erógeno, um corpo humano, é aquele desta função primordial: a materna.

THE LOVE THAT CONSTITUTES THE SUBJECT: A REFLECTION ON THE MATERNAL FUNCTION EXERCISE IN "MALEFICENT".

ABSTRACT

The main goal of this paper is to present the complex and specific concept of maternal function, differentiating it from the concept of maternity and highlighting its place of edification of Psychoanalysis, the desiring subject, as well as highlight the importance of the presence of primordial Other on the edification of this subject. Articulating the conceptual understanding of that function with the recent movie of the Disney Studios, namely Maleficent, we reflect on the exercise of that function with regard to the relationship between the protagonists of that movie, wherein the feared villain and the princess Aurora get each other as Other, what makes possible the Aurora's awakening from the deep sleep by the true love's kiss symbolizing and indicates the exercise of this unique and essential function, the maternal.

Key-words: Maternal function. Constitution of the Subject. Other.

REFERÊNCIAS

CAMAROTTI, Maria do Carmo. Que olhar tão triste o de mamãe – o bebê diante da depressão materna. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.) **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 49-57.

FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar Augusto. Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. **Ágora** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 mar. 2013.

FERREIRA, Inês Catão Henriques. **A voz na constituição do sujeito e na clínica do autismo**: o nascimento do outro e suas vicissitudes. 2005. 268 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Coimbra. Disponível em: <http://tede.ibict.br/tde_arquivos/1/TDE-2006-08-11T08:43:46Z394/Publico/1_InesCatao_Intro_Cap2_Cap4_Biblio%20.pdf>. Acesso em: 01 maio 2013.

FERNANDES, Lia Ribeiro. **O Olhar do Engano**: autismo e o Outro primordial. São Paulo: Escuta, 2000.

FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. In: _____. **Totem e tabu; Outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago, 1969, p. 175- 200 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIII).

JERUSALINSK, Julieta. Crônica de um bebê com morte anunciada - intervindo com a instauração do sujeito na iminência da morte. In: BERNARDINO, Leda Mariza Fischer; ROHENKOHL, Cláudia Mascarenhas Fernandes (Org). **O bebê e a modernidade**: abordagens teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 169 – 178.

KAMERS, Michele. Do Universal da Maternagem ao Singular da Função Materna: acerca da educação primordial. **Revista de Psicanálise**, ano XVII, n. 180, p. 38-45 dez. 2004.

KAMERS, Michele; BARATTO, Geselda. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 3, set. 2004 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jan. 2015.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg. Produção: Joe Roth. Intérpretes: Angelina Jolie; Charlto Copley; Elle Fanning; Sam Riley; Imelda Staunton; Juno Temple; Leslie Manville. Roteiro: Linda Woolverton. Estados Unidos da América: Roth Films, 2014. 1 CD (1h37min), son., color.; DVD.

MCDUGALL, Joyce. Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIEROTTI, Mariana Moreira de Souza; LEVY, Lidia; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. O manhês: costurando laços. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 15, n. 2, Dez. 2010. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282010000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2012.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

STAHLSCHMIDT, Ana Paula Melchior. **A canção do desejo**: a música na relação pais-bebê. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.